

ATUALIZAÇÕES DO GÊNERO: UM ESTUDO SOBRE RESENHAS DE FILME NO SUPORTE IMPRESSO E NO DIGITAL

GENRE UPDATES: A STUDY ABOUT MOVIE REVIEWS IN PRINT AND DIGITAL SUPPORTS

Ariane Peronio Maria Fortes
Luciana Maria Crestani
UPF

Resumo: Com o surgimento da internet e das novas mídias nas últimas décadas, os estudos sobre os gêneros do discurso têm ganhando cada vez mais espaço, uma vez que as mudanças tecnológicas alteram também as formas de comunicação e interação social, impingindo novas configurações aos gêneros discursivos. É sobre isso que versa o presente trabalho, que busca identificar as atualizações ocorridas com um gênero discursivo a partir da transposição deste de um meio impresso para um meio digital. Mais especificamente, este estudo se volta à análise de resenhas de filmes encontradas na revista semanal *Veja* em comparação com as videorresenhas encontradas na página on-line da mesma revista, buscando entender como o gênero se modifica no suporte digital em relação à sua contraparte impressa. Como aporte teórico, tomam-se os estudos de Bakhtin (2011) acerca dos gêneros discursivos, bem como de Rojo (2013, 2015), Fiorin (2006) e Marcuschi (2002, 2003, 2012) sobre a dinamicidade e a emergência de novos gêneros relacionados aos suportes digitais.

Palavras-chave: Gêneros discursivos. Resenha. Revista *Veja*.

Abstract: *The emergence of the Internet and new media over the last decades had studies on discourse genres gaining increasingly more space, considering that technological changes also modify the forms of communication and social interaction, introducing new configurations to discourse genres. The present study discusses such topic, aiming to identify the updates of a discourse genre from its transposition from a printed medium to a digital one. More specifically, this study focuses on analyzing movies reviews found in the weekly magazine *Veja* in comparison to the videos reviews found in the online page of the same magazine, seeking to understand how genre changes in the digital support relative to its print counterpart. The theory is based on the studies by Bakhtin (2011) on discourse genres, as well as the ones by Rojo (2013, 2015), Fiorin (2006), and Marcuschi (2002, 2003, 2012) on the dynamics and emergence of new genres related to digital support.*

Keywords: *Discourse genres. Review. *Veja* magazine.*

1 INTRODUÇÃO

A linguagem sofre alterações e se renova com o surgimento das novas tecnologias da comunicação e informação, uma vez que eles intervêm diretamente nas formas de interação social. Nesse contexto, novos gêneros discursivos surgem e muitos dos já existentes são atualizados, ganhando

novas configurações relacionadas às possibilidades advindas dos suportes digitais. Os gêneros do discurso são aqui tomados na acepção de Bakhtin (2011), definidos como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, através dos quais os homens se comunicam.

Nesse sentido, o presente trabalho busca investigar como um gênero se modifica e se atualiza quando transposto de uma mídia impressa para uma digital. Mais especificamente, este estudo se volta à análise de resenhas de filme publicadas na revista semanal *Veja* em comparação com as videorresenhas postadas na página da revista on-line (Veja.com), buscando entender como o gênero se modifica no suporte digital em relação à sua contraparte impressa.

Para tanto, a primeira seção aborda a definição de gênero discursivo e vem amparada nos estudos de Bakhtin (2011) e de teóricos que seguem preceitos bakhtinianos, como Fiorin (2006) e Marcuschi (2012). Na segunda seção, estudos de Marcuschi (2002, 2003) e de Rojo (2013, 2015) embasam a explanação acerca da circulação e dinamicidade dos gêneros, bem como sobre o surgimento de novos gêneros. Num terceiro momento, apresentam-se as características do gênero resenha e se explicitam particularidades dos textos que constituem o *corpus*, efetuando-se a análise das videorresenhas encontradas no site *Veja.com*¹ em comparação com a versão impressa dos mesmos textos, publicados no formato impresso da revista. Em ambos os suportes os textos são assinados pela jornalista e crítica de cinema Isabela Boscov.

Na análise, observam-se aspectos propostos por Marcuschi (2002, 2003) para abordagem dos gêneros emergentes, bem como se pontuam diferenças e semelhanças no que tange ao conteúdo temático, à estrutura composicional e ao estilo assumido pelo gênero nos diferentes suportes.

2 GÊNEROS DISCURSIVOS E SUA DEFINIÇÃO

De acordo com Bakhtin (2011), cada vez que o falante se comunica verbalmente, ele o faz em forma de enunciados situados em dada esfera de atividade social (esfera da escola, do trabalho, da igreja etc.), o que implica a utilização da linguagem em forma de enunciados que são tipificados e elaborados em função dessa esfera de comunicação. Esses enunciados, relativamente estáveis, são o que constituem os gêneros do discurso. Marcuschi (2012) aponta a complexidade desse conceito, uma vez que o gênero pode ser visto como uma categoria cultural, um esquema cognitivo, uma forma de ação social, uma estrutura social, uma forma de organização social e uma ação retórica e caracteriza-se como um evento textual altamente maleável e dinâmico.

Atua-se através dos gêneros, os quais mediam desde uma simples conversa informal até a elaboração de um documento oficial. O gênero atua como uma conexão entre a linguagem e a vida social e é importante destacar que as diferentes formas com as quais os falantes agem e se comunicam socialmente são incontáveis, sendo impossível numerar ou catalogar os gêneros discursivos. Bakhtin (2011, p.262) já alertava que

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas porque são

¹ As videorresenhas se encontram no blog da colunista Isabela Boscov.

inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque cada campo dessa atividade é integral ao repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

A respeito da diversidade das esferas de ação e de gêneros que nelas circulam, Fiorin (2006) explica que, por exemplo, na esfera de ação jurídica, há diversos gêneros, como a petição, a sentença, o acórdão, o despacho etc. Já na esfera religiosa, há a oração, o sermão, entre outros. Partindo da diversidade entre as esferas, Bakhtin (2011) faz uma distinção entre gêneros primários e secundários. Os gêneros primários são as interações verbais espontâneas e estão ligados à experiência pessoal e condições de comunicação imediata (réplicas do diálogo cotidiano, bilhete, carta pessoal). Já os gêneros secundários, mais complexos, não são espontâneos e referem-se a um padrão linguisticamente criado (documentos oficiais, romances, pesquisas científicas etc.). O que definirá um gênero enquanto primário ou secundário é a complexidade da esfera social de atuação. Um diálogo do cotidiano, por exemplo, se estiver situado em um romance, terá perdido seu contexto imediato e não mais será um gênero primário, mas sim secundário. Há, então, uma interdependência entre as formas primárias e secundárias, já que estas absorvem e transformam aquelas.

Além disso, pode haver a “hibridização de gêneros”² (FIORIN, 2006). Isso ocorre quando num gênero se mesclam características de outro — como a forma de um com a função de outro. Exemplos de hibridismo podem ser percebidos quando se tem um poema em forma de notícia, um anúncio publicitário materializado em forma de carta, uma mensagem de autoajuda em forma de receita culinária e assim por diante. O objeto de análise deste artigo, a videorresenha, caracteriza-se como um exemplo de gênero híbrido, pois também assume características do gênero *trailer* de filmes, como se verá adiante.

Outro ponto a se destacar na concepção bakhtiniana dos gêneros do discurso é que estes se constituem de três elementos indissociáveis: conteúdo temático, construção composicional e estilo. O primeiro elemento caracteriza-se como um domínio ideologicamente formado que é comunicado através do gênero, em outras palavras, o que é possível ou dizível em determinado gênero; já a construção composicional remete à organização do gênero em si, seus elementos constitutivos e sua estrutura. Por fim, o estilo diz respeito às escolhas lexicais e sintáticas que o falante faz em função da imagem que tem de seu interlocutor e de como presume que ele irá responder ao seu enunciado. Dessa forma, enunciados poderão ter estilo mais neutro, mais formal, mais familiar, mais íntimo, mais oficial a depender da esfera e dos participantes da comunicação.

A seguir, apontam-se contribuições dos estudos de Marcuschi (2002, 2003) sobre a emergência e as transformações dos gêneros decorrentes das mudanças nas formas de comunicação verbal em função das tecnologias, assim como postulados de Rojo (2013, 2015) a respeito da atualização na teoria dos gêneros em razão das multimodalidades e multiletramentos.

² Marcuschi (2012) utiliza as expressões “relação intergêneros” / “intergenericidade” para referir tal fenômeno.

3 NOVAS MÍDIAS, NOVOS SUPORTES E GÊNEROS EMERGENTES

A partir do surgimento da internet e, conseqüentemente, de novas mídias, surgem também novas esferas de atuação. Várias formas de expressão ficam reunidas em um só meio, em uma só plataforma, como no caso da internet, que faz com que, ao navegar, o usuário tenha contato com um número infinito de gêneros discursivos. Considerando o gênero conforme a visão de Bakhtin (2011), de que esse representa fenômenos sociais e históricos, percebe-se a ocorrência de transfigurações do gênero em função do desenvolvimento das tecnologias e de novos suportes em que os gêneros são alocados. Marcuschi (2003, p. 11) define “suporte” como “um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”. Os suportes, como explica Marcuschi (2003, 2012), interferem diretamente na natureza dos gêneros. Isso fica claro quando se compara, por exemplo, uma notícia de jornal impresso com uma notícia de jornal *online*. Nesta última, além do texto escrito, há possibilidades de inserção de elementos significantes de outras ordens: áudios, vídeos, infográficos animados, links de acesso a outras informações/notícias sobre o tema e galerias de fotos. Esses elementos todos agregam características específicas ao gênero (CRESTANI, 2010). A propósito, sobre a internet, Marcuschi (2012, p.186) a concebe como “um suporte que alberga e conduz gêneros dos mais diversos formatos”.

Nesse sentido, novos gêneros começam a surgir ou vão se transformando à medida que novas tecnologias se desenvolvem. Diversos estudos e debates vêm ocorrendo no que diz respeito aos gêneros emergentes/digitais, tais como os realizados por Marcuschi (2002, 2003), Araujo (2004), Paiva (2004) e Komesu (2004).

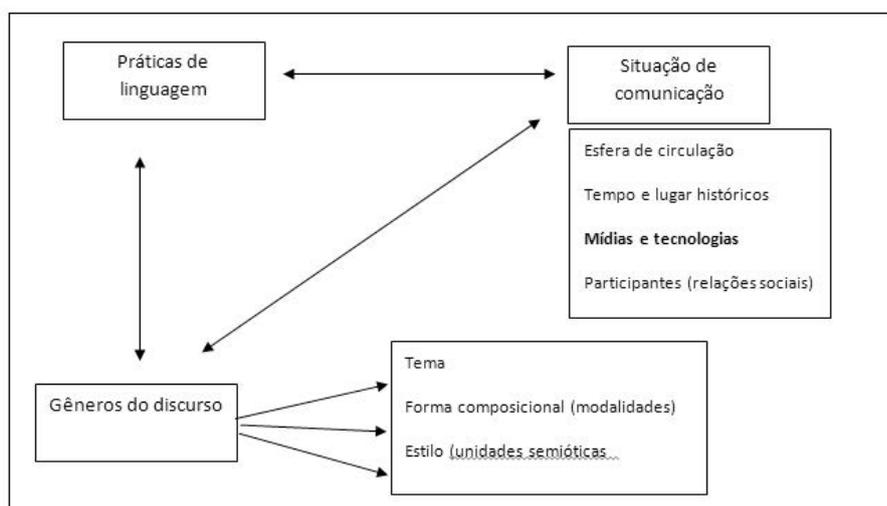
Um dos questionamentos levantados na atualidade em relação à teoria bakhtiniana dos gêneros é feito por Rojo (2013), ao debater como as novas formas de produção, configuração e circulação dos textos implicam multiletramentos e quais os novos desafios às teorias dos gêneros para os textos da contemporaneidade. Segundo a pesquisadora, a teoria dos gêneros elaborada pelo círculo de Bakhtin, mesmo tendo em vista os gêneros de uma cultura escrita e impressa, contempla totalmente os enunciados contemporâneos. Afirma ela que “as práticas de linguagem ou enunciações se dão sempre de maneira situada, isto é, em determinadas situações de enunciação ou de comunicação, que se definem pelo funcionamento de suas esferas ou campos de circulação dos discursos” (ROJO, 2013, p. 26). A autora retoma a ideia de que as esferas de circulação definem os possíveis participantes da enunciação, bem como o conteúdo temático, o estilo (maneiras de dizer) e a construção composicional dos gêneros.

Rojo também defende que novas formas de interação ocasionam novos gêneros discursivos e afirma que “isso se dá porque hoje dispomos de novas tecnologias e ferramentas de ‘leitura-escrita’ que, convocando novos letramentos, configuram os enunciados em sua multissemiose ou em sua multiplicidade de modos de significar” (ROJO, 2013, p.20). Também postula que as esferas/campos não são estáticos. Esses modos ocasionam novas possibilidades multimidiáticas e hipermediáticas de produção/recepção textual. Entretanto, Rojo (2015) chama atenção ao fato de que a multimodalidade não é um privilégio do meio digital, pois já vivemos em uma cultura multissemiótica.

Rojo (2013, p.29) lembra, ainda, que as tecnologias e mídias selecionam modalidades ou semioses pertinentes, isto é, “o impresso permite imagens estáticas e escritas, mas não sons e imagens em movimento; a transmissão radiofônica permite sons e fala, mas nenhuma imagem [...] outras mídias aceitam o conjunto das semioses possíveis”. Com essa afirmação, a autora conclui que, em enunciados veiculados por diferentes mídias, diferentes recursos semióticos são selecionados e combinados a fim de atingir suas finalidades e ecoar seus temas. Isso significa que, para a pesquisadora, “as mídias e tecnologias são escolhas, e de caso bem pensado, das esferas de circulação de discursos [...]” e que elas têm, “de imediato, efeito nas formas de composição e nos estilos dos enunciados, inclusive em termos de multimodalidade” (ROJO, 2013, p.29).

Com isso, propõe-se a atualização no diagrama de análise dos gêneros, incluindo-se as mídias e tecnologias entre os fatores que definem o surgimento e as características dos gêneros, conforme quadro 1.

Quadro 1- Elementos da teoria bakhtiniana dos gêneros discursivos revisitados



Fonte: adaptado de Rojo, 2013, p.30.

Na mesma linha de pensamento, Marcuschi (2002) aborda a questão dos gêneros emergentes encontrados na internet, postulando que muitos deles são transmutações de outros gêneros já existentes. Entretanto, tais gêneros possuem características próprias e nem sempre é claro qual a sua “contraparte real”. Alguns questionamentos levantados por Marcuschi (2002) a respeito dos gêneros emergentes estão relacionados à originalidade desses gêneros em relação aos já existentes, ou seja, suas contrapartes reais; à função deles; e a que tipo de prática social emerge com as formas de discurso virtual pela internet. O autor apresenta o quadro 2, reproduzido abaixo, a fim de propor um paralelo entre os gêneros novos e os antigos:

Quadro 2: Gêneros textuais emergentes na mídia virtual e suas contrapartes em gêneros pré-existentes

	Gêneros emergentes	Gêneros já existentes
1	<i>E-mail</i>	Carta pessoal // bilhete // correio
2	<i>Bate-papo virtual em aberto</i>	Conversações (em grupos abertos?)
3.	<i>Bate-papo virtual reservado</i>	Conversações duais (casuais)
4	<i>Bate-papo ICQ (agendado)</i>	Encontros pessoais (agendados?)
5	<i>Bate-papo virtual em salas privadas</i>	Conversações (fechadas?)
6	<i>Entrevista com convidado</i>	Entrevista com pessoa convidada
7	<i>Aula virtual</i>	Aulas presenciais
8	<i>Bate-papo educacional</i>	(Aula participativa e interativa???)
9	<i>Vídeo-conferência</i>	Reunião de grupo/ conferência / debate
10	<i>Lista de discussão</i>	Circulares/ séries de circulares (???)
11	<i>Endereço eletrônico</i>	Endereço postal

Fonte: MARCUSCHI, 2002, p.14-15.

Note-se que o autor acrescenta pontos de interrogação em alguns dos gêneros existentes, exatamente pelo fato de não haver clareza em relação às contrapartes originais dos gêneros emergentes apresentados. A fim de formatar um parâmetro para caracterização dos gêneros emergentes, Marcuschi (2002) sugere que a análise seja feita em relação ao número de interlocutores, tempo de espera e de envio de mensagens ou de sinais, quantidade de tempo permitido, limites impostos à revisão, grau de automatização das operações, método de armazenamento, busca e gerenciamento dos textos, riqueza e variedade dos sinais e múltiplas semioses.

Um exemplo apresentado pelo estudioso é a análise do gênero *e-mail*, ou correio eletrônico, definido por ele como uma forma de comunicação assíncrona de remessa de mensagens entre usuários do computador (MARCUSCHI, 2002). É entendido como assíncrono porque pode haver defasagem de resposta em minutos e segundos, quando os usuários estão *on-line* ou até mesmo dias, semanas ou meses. Os interlocutores, no e-mail, costumam ser conhecidos e são, em geral, textos de cunho pessoal, embora haja a prática de publicidades via e-mail e ocorram listas de grupos de discussões, através do correio eletrônico, para correspondência entre desconhecidos com interesses em comum. No entanto, as listas de discussão, correspondem a outro gênero.

A comunicação entre os usuários de e-mail pode ser bilateral ou multilateral, ou seja, de um emissor para um receptor e de um emissor para vários receptores — quando se envia a mensagem com cópia para mais de um interessado no assunto.

No que tange ao formato textual, o e-mail é similar a uma carta, bilhete ou recado e possui uma composição formal instituída pela presença de elementos como: endereço do remetente, data e hora, endereço do receptor, possibilidade de cópia para outros emissores, assunto, corpo da mensagem, possibilidade de anexar documentos e, ainda, de inserção de carinhas, desenhos, voz, imagens etc. Assim como as cartas, o e-mail suscita resposta, mas nem sempre essa ocorre, por falhas técnicas ou pelo desinteresse do receptor em responder. Há ainda a possibilidade de incluir-se colagens no corpo do e-mail, disponível devido às características dos softwares de uso. Todas essas peculiaridades formais e discursivas agregam novas particularidades ao e-mail.

A propósito do e-mail, Paiva (2004, p.76) levanta o questionamento sobre até que ponto ele

seria de fato um gênero ou um canal. A autora afirma que “pelo correio eletrônico circulam vários gêneros (ofício, abaixo-assinado, receitas culinárias, propaganda)”, mas ao mesmo tempo defende que “existe um gênero específico associado a esse novo artefato”. Para a autora, o e-mail é entendido como “um gênero eletrônico escrito, com características típicas de memorando, bilhete, carta, conversa face a face e telefônica, cuja representação adquire ora a forma de monólogo ora de diálogo e que se distingue de outros tipos de mensagens devido a características bastante peculiares de seu meio de transmissão, em especial a velocidade e a assincronia na comunicação entre usuários e computadores” (PAIVA, 2004, p. 78). Tais considerações remetem à dificuldade de uma definição unívoca acerca de gêneros acoplados às novas mídias.

Tomando como referência estudos de Yates (2000), Marcuschi (2002) propõe que a análise dos gêneros virtuais seja realizada em contínuos que levem em conta dois eixos: 1) o eixo da comunicação síncrona versus comunicação assíncrona; e 2) o eixo da comunicação multilateral (de um para muitos, de muitos para um, de muitos para muitos) versus a comunicação bilateral (de um para um). Nesse contínuo, os blogs seriam os exemplos prototípicos de interação assíncrona, ao passo que os chats em geral seriam prototípicos da comunicação síncrona. As videoconferências seriam prototípicas da interação multilateral, enquanto o e-mail seria um exemplo prototípico de interação bilateral.

Todos os gêneros listados no quadro acima somente emergiram devido ao surgimento da internet e da comunicação mediada por computadores. Com a mudança do suporte, há a proliferação de novas mídias, novas esferas, como abordado por Rojo (2013, 2015) e ainda distintas possibilidades de atualizações da linguagem oral e escrita, devido às interações e formatações que se tornam possíveis em suporte digital. É esse também o caso do gênero em análise neste estudo, a resenha de filmes, que sofre transformações associadas à mudança de suporte. É à análise dessas transformações que se dedica a seção seguinte.

4 RESENHA VERSUS VIDEORRESENHA: GÊNERO EM ANÁLISE

Para a pesquisa, foram selecionadas o total de oito resenhas de filmes, sendo quatro publicadas na revista *Veja* impressa e quatro resenhas em vídeo publicadas na página oficial da revista na internet, a *Veja.com*. As amostras foram coletadas no ano de 2014 e os textos veiculados em ambos os suportes são de autoria da jornalista Isabela Boscov. A escolha por esses exemplares se deve ao fato de serem resenhas referentes aos mesmos filmes e que foram publicadas tanto na revista impressa quanto na digital, posto que nem sempre há correspondência entre os filmes resenhados nesses dois suportes. Neste artigo, como forma de ilustração das características comuns dos textos analisados, apresentam-se exemplos de trechos e imagens das resenhas e videorresenhas dos filmes *Mesmo Se Nada der certo* e *Magia ao Luar*.

A análise é realizada, principalmente, com base nos postulados de Bakhtin (2011), contemplando os três elementos constitutivos do gênero – conteúdo temático, estilo e construção composicional, observando-se se ocorrem modificações quanto a esses aspectos na atualização do gênero quando se passa de um suporte a outro. Além disso, também se observam alguns dos parâmetros para

caracterização dos gêneros emergentes propostos por Marcuschi (2002, 2003), a saber: número de interlocutores, tempo de espera e de envio de mensagens, busca e gerenciamento dos textos, riqueza e variedade dos sinais e múltiplas semioses.

O gênero escolhido para a análise, resenha de filmes, apresentará certas especificidades relacionadas ao suporte em que se encontra. Poderá ocorrer em revistas, jornais, cartazes de cinema, na própria caixa do filme e em páginas na internet. Dependendo do suporte, a sinopse poderá trazer maior ou menor quantidade de informações e poderá ou não trazer a opinião do autor (no caso da internet, jornais ou revistas, a sinopse pode vir acompanhada de uma recomendação para assistir – ou não – o filme).

4.1 RESENHA: DEFINIÇÃO E FUNÇÃO

A resenha crítica é um gênero de circulação em diversas esferas de interação, que vão do ambiente acadêmico até o entretenimento. É definida por Lakatos e Marconi (1996, p.263) como “uma descrição minuciosa que compreende certo número de fatos [...] é a apresentação do conteúdo de uma obra [...] consiste na leitura, no resumo, na crítica e na formulação de um conceito de valor do livro feitos pelo resenhista”. Segundo os mesmos autores, o resenhista deve apontar falhas e erros de informação, ao mesmo tempo em que deve tecer elogios aos méritos da obra, sendo tanto os elogios quanto as críticas elaboradas de forma ponderada.

A definição aqui mencionada corresponde às resenhas críticas elaboradas na esfera acadêmica. Entretanto, a resenha crítica é um gênero que percorre diversas esferas: pode ser a resenha de um espetáculo teatral, de um show, de álbum musical recém-lançado, de uma exposição de arte, de restaurantes, eventos, programas de televisão, de filmes. Os pressupostos mencionados por Lakatos e Marconi (1996) como próprios do gênero não se modificam em outras esferas, sendo que, independentemente do objeto a ser resenhado, a função da resenha sempre é emitir uma avaliação do resenhista aos seus interlocutores acerca da obra/objeto. Os autores listam uma série de pré-requisitos para a elaboração de uma resenha: conhecimento completo da obra; conhecimento da matéria; capacidade de juízo de valor; independência de juízo; correção e urbanidade e fidelidade ao pensamento do autor.

Explicitada a funcionalidade do gênero – emitir um juízo de valor, uma avaliação sobre a obra –, passa-se à descrição das particularidades relativas ao corpus de análise. No formato impresso da revista, as resenhas são publicadas semanalmente. Já as videorresenhas não seguem um padrão de publicação: no ano de 2014, por exemplo, houve vinte e três postagens, sendo duas no mês de outubro, três no mês de setembro, duas no mês agosto, duas no mês de maio, duas no mês de abril, três no mês de março, cinco no mês de fevereiro, e quatro no mês de janeiro. Dessa forma, observa-se que não há correspondência do número de resenhas publicadas na revista impressa e na resenha digital, assim como não são todos os filmes resenhados na revista que possuem versão digital ou vice-versa.

Em relação à esfera de circulação do gênero, tanto as resenhas impressas quanto as resenhas em vídeo circulam na esfera jornalística, com foco em entretenimento. A primeira modalidade está

alocada na versão impressa da revista *Veja*, que é composta por seções como *Panorama, Brasil, Economia, Internacional, Geral, Artes e Espetáculos*. É nessa última seção que resenhas de filmes, músicas e livros são apresentadas pelos colunistas da revista. Já as videorresenhas estão inseridas em um hipertexto em tela, disponível na página digital da *Veja.com*. Assim como na versão impressa, o leitor se depara com uma opção de *menus* que demonstram as seções disponíveis: *Últimas notícias, Blogs, Brasil, Ciência, Economia, Educação, Entretenimento, Esporte, Mundo, Saúde, Gastronomia, Vida Digital, Livros mais vendidos, Amarelas, Galeria de fotos etc.* A seção *Blogs* dá acesso ao blog de Isabela Boscov, onde se encontram as videorresenhas.

Em relação ao tipo de interação – retomando-se os parâmetros propostos por Marcuschi (2002) para análise dos gêneros emergentes –, a resenha impressa e a videorresenha digital são ambas prototípicas de uma interação multilateral, uma vez que produzidas por um resenhista para a leitura e acesso de muitos leitores, sendo também um exemplar de comunicação assíncrona.

Já a defasagem de tempo exerce maior implicação: na versão impressa, a resenha é produzida, revisada, publicada na revista, que é distribuída nas bancas de todo o país, sendo acessada cada vez que um leitor compra e manuseia as páginas da revista. Nesse caso, o público-alvo das resenhas são os leitores, assinantes ou compradores eventuais da *Veja*. Já a videorresenha torna-se acessível por qualquer leitor quase que instantaneamente no momento em que é disponibilizada on-line. Além disso, as ferramentas da comunicação em rede ainda permitem que os usuários dialoguem entre si ou com a resenhista através de comentários sobre o vídeo. As formas de acesso e o público leitor são expandidos na versão online, pois as resenhas poderão ser acessadas pelos mesmos leitores da revista impressa, que buscam a homepage da *Veja* para obter informações, como também elas poderão ser acessadas ao acaso, através de ferramentas de busca que respondem a diferentes pesquisas tais como pela busca da palavra “resenha”, pela busca do nome da resenhista, pela busca dos títulos dos filmes, entre outros.

Quanto à multiplicidade semiótica, as videorresenhas apresentam mais semioses implicadas na sua constituição. As imagens em movimento e a linguagem oral trazem consigo elementos significantes como a gestualidade e as expressões faciais/corporais, o tom de voz da resenhista e das personagens do filme, os sons de diferentes ordens (trilha sonora do filme, ruídos, estrondos etc.), além da linguagem escrita. Já nas resenhas da revista impressa predominam a linguagem verbal escrita e as imagens estáticas. Há, portanto, uma riqueza maior de elementos que produzem sentidos³ nas videorresenhas.

Além das possibilidades de acesso e interação mencionadas nos parágrafos anteriores, baseadas nos parâmetros de análise dos gêneros emergentes e dos suportes (MARCUSCHI, 2002, 2003), a versão impressa e a versão digital apresentam diferenças e semelhanças no que corresponde ao conteúdo temático, ao estilo e à construção composicional (BAKHTIN, 2011). Essas diferenças ocorrem devido ao fato de que, conforme salientado por Rojo (2013, 2015), em função da esfera de circulação e da mídia e tecnologia envolvida, determinadas semioses serão permitidas ou não, e, conseqüentemente, poderão influenciar em termos de aceitação e persuasão do leitor. Tais diferenças

³ Esses elementos implicam na construção composicional e no estilo, como se explicará adiante.

serão exploradas nos tópicos que seguem.

4.2 QUANTO AO CONTEÚDO TEMÁTICO: ASPECTOS DE FORMA

Na seção anterior, foram apresentadas as implicações em termos de acesso, interação e recursos semióticos ao transpor-se a resenha do suporte impresso para o suporte em vídeo on-line. Também foi construída a assertiva de que a resenha não muda sua função – pontuar informações e emitir valorização a respeito do objeto resenhado –, independentemente de sua esfera de circulação (jornalística ou acadêmica).

Com isso, entende-se que o conteúdo temático, compreendido como o que é possível de ser dito em determinado gênero, em razão de não alterar a função, também não será alterado em razão da transposição da resenha escrita e impressa para a resenha em vídeo, oralizada e em meio digital. A função e a constituição temática do gênero ainda serão a de informar, contextualizar e emitir julgamento de valor em relação ao filme em questão. Entretanto, em termos de conteúdo temático, identificam-se aspectos variantes (que ocorrem em algumas resenhas e não em outras) e invariantes (aspectos recorrentes em todas as resenhas), subtendendo-se serem estes últimos os mais importantes na configuração do conteúdo temático do gênero. Para explicá-las, toma-se o quadro comparativo abaixo:

Quadro 3: Comparativo do conteúdo temático entre as resenhas impressas e as videorresenhas

Resenhas Impressas	Videorresenhas
1. Descrição de cenas do filme 2. Contextualização do enredo 3. Data de estreia do filme 4. Informação sobre o diretor 5. Menção de filmes anteriores do diretor * 6. Comparação entre os filmes do diretor * 7. Descrição dos conflitos dos personagens 8. Avaliação da resenhista 9. Inserção de entrevistas (com atores, diretores) *	1. Informação sobre o diretor 2. Menção de filmes anteriores do diretor 3. Comparação com os filmes anteriores do diretor * 4. Contextualização dos conflitos dos personagens 5. Descrição de cenas 6. Avaliação da resenhista

Fonte: elaborado pelas autoras.

Como se vê no quadro, o conteúdo temático não sofre grandes alterações em função do suporte. Os blocos de informação se repetem, mas apresentam algumas variantes e invariantes. Os conteúdos assinalados com um asterisco representam o que é variante em cada resenha, ou seja, que aparecem em algumas resenhas analisadas e não em outras.

A informação da data de estreia é uma invariante nas resenhas impressas, mas não ocorre nas videorresenhas do blog. A contextualização do enredo nem sempre é mencionada explicitamente de forma verbal (oral ou escrita) na videorresenha, mas ganha força com a inserção das imagens, das cenas do filme, elemento que constitui a construção composicional.

4.3 QUANTO À CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL

A construção composicional, compreendida como a organização da logística do gênero é um dos elementos constitutivos que faz com que um leitor perceba o gênero com o qual está interagindo desde o primeiro contato com ele. Observe-se um exemplar da estrutura composicional das resenhas impressas e um das videorresenhas:

Imagem 1: Resenha impressa do filme
Mesmo Se Nada der Certo



Fonte: Revista Veja, edição de 17 de setembro de 2014.

Imagem 2: Videoresenha do Filme
Mesmo Se Nada der Certo



Fonte: Site Oficial da Veja
(<http://veja.abril.com.br/blog/isabela-boscov/>). Publicado em 18.09.2014.
Acessado em 07.06.2015

É possível perceber, nos exemplares analisados, que as resenhas impressas seguem a mesma construção composicional dos demais textos jornalísticos que integram a revista: há a identificação da seção da revista no canto superior direito, escrito *Cinema*, o que já dá pistas ao leitor quanto ao conteúdo temático. Em destaque, há o título, que funciona como a manchete “Banquinho e violão”, seguido de um pequeno texto, contextualizando o conteúdo da resenha. Após, temos o nome da resenhista, o corpo da resenha, e ao lado, a foto-legenda representando uma das cenas do filme. Outro elemento contextualizador nas resenhas impressas é a presença da data e do número de edição em todas as páginas, no canto inferior esquerdo, ao lado da numeração da página da revista.

Já na videorresenha, a estrutura composicional modifica-se. Ao acessar o blog da revista, o leitor não se depara com a videorresenha, mas com uma página onde estão disponibilizados diversos links para os vídeos das resenhas, como um menu de acesso. Nesse menu, é possível visualizar a data da postagem, e há também a presença do título/manchete. Porém, é mais frequente que o próprio título do filme seja também o título da postagem, conforme se verifica na imagem da página reproduzida abaixo:

Imagem 3: Página inicial do blog da colunista Isabela Boscov, com menu de acesso às videorresenhas.



CINEMA
ISABELA BOSCOV

Editora de VEJA comenta, em vídeos, as estreias de filmes.

/ CINEMA - 23/10/2014 ÀS 19:37

Como todo bom filme argentino, 'Relatos Selvagens' não decepciona no roteiro

O novo filme do argentino Damián Szifrón traz seis histórias diferentes com um ponto em comum: em todas os personagens perdem o controle em alguma situação. "Relatos Selvagens", produzido pelos irmãos Almodóvar, acerta na fotografia, no ritmo e, claro, no roteiro. Com Ricardo Darín, Rita Cortese e Oscar Martínez. [cmsvideo...]

→ COMPARTILHAR

/ SEM CATEGORIA - 01/10/2014 ÀS 17:03

Filme 'O Protetor' endossa barbárie

Isabela Boscov fala sobre o filme 'O Protetor', do diretor Antoine Fuqua. Robert McCall, ex-oficial de polícia, resgata uma garota e vê o seu desejo por justiça despertar. Com: Denzel Washington, Marton Csokas, Chloë Grace Moretz, David Harbour

→ COMPARTILHAR

/ CINEMA - 18/09/2014 ÀS 16:20

Mesmo se Nada der Certo

Isabela Boscov fala sobre "Mesmo se Nada der Certo", novo filme de John Carney ("Apenas uma Vez"). O produtor musical Dan (Mark Ruffalo), com dificuldades profissionais e pessoais, vê na ex-namorada de um rockstar (Adam Levine) uma possível cantora de sucesso (Keira Knightley). O romance começa.

→ COMPARTILHAR

Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/isabela-boscov>

A forma de acesso do leitor ao conteúdo da videorresenha se dá de modo totalmente distinto em relação à resenha impressa, corroborando o proposto por Rojo (2013) ao afirmar que as modalidades e semioses possíveis em cada mídia terão influência na forma composicional. Na resenha em vídeo, o leitor depara-se com o título do filme e o breve texto resumitivo deste, cuja função é chamar a atenção para acessar o link do vídeo, que dará acesso ao conteúdo global da resenha. Uma vez acessada, a videorresenha é executada e o leitor se depara com uma nova modalidade de construção da resenha, constituída por múltiplas semioses, incluindo-se a linguagem verbal oralizada e a presença de imagens em movimento da resenhista (com gestualidade, expressões faciais), intercaladas com os sons (ruídos, falas dos personagens, trilha sonora) e cenas dos filmes que estão sendo resenhados.

Assim, na construção composicional das videorresenhas estão implicados recursos semióticos mais dinâmicos e que intensificam efeitos de sentido de aproximação entre leitor e narrador (resenhista), bem como entre o leitor e o objeto apresentado (o filme resenhado).

4.4 QUANTO AO ESTILO: INFORMALIDADE E SUBJETIVIDADE

Por fim, aspectos concernentes ao estilo foram verificados nas resenhas impressas e nas resenhas em vídeo. Nesse quesito, priorizou-se a observação de marcas de informalidade e de subjetividade projetadas nos textos.

Para essa análise, é preciso ter em mente que as resenhas são gêneros que circulam na esfera jornalística e que tais textos são reconhecidamente caracterizados por enunciados que privilegiam o apagamento de marcas de subjetividade. Entretanto, por se tratar de um gênero cuja função é emitir valoração a respeito do objeto analisado, é permitido, em termos de conteúdo temático, que o autor se posicione e exerça certa subjetividade.

A diferença entre as duas versões de resenhas se dá na forma como essa subjetividade é expressa. Nas resenhas impressas, as marcas de subjetividade são detectáveis através de expressões verbais de apreciação, como as presentes na resenha de *Mesmo se Nada Der Certo*:

*“à medida que Getta dedilha o violão e canta com sua voz **delicada**”*

*“Carney, é verdade, namora perigosamente o **clichê**”*

Na resenha impressa de *Mesmo se Nada Der Certo* em nenhum momento a resenhista orienta o leitor a assistir ou não o filme, mas dá pistas de sua percepção através de exemplos como os acima mencionados. A avaliação positiva do filme se torna perceptível, entretanto, no texto resumitivo da resenha e na última sentença, reproduzidas abaixo, respectivamente:

“É por ser simples assim que o romance-improvisado Mesmo Se Nada Der Certo consegue encantar”

“Descobre que toda forma de amor vale a pena, mesmo quando a voz é pequena”.

Conforme se pode notar nos exemplos mencionados, a resenha impressa apresenta uma linguagem com certo grau de informalidade, como se a resenhista estivesse contando ao leitor suas impressões a respeito do filme assistido. Porém, os textos são todos redigidos em terceira pessoa, o que projeta um certo apagamento da subjetividade da resenhista.

Já na videorresenha, a apreciação do filme é feita de forma oral pela resenhista. A utilização da linguagem verbal oral em conjunto com elementos não verbais (gestos, expressões faciais e corporais, tom de voz, ênfases no dizer, olhar direcionado ao leitor/espectador) atribui ao gênero características próprias das manifestações orais face a face, simulando uma conversação entre resenhista e leitor/espectador. Isso produz efeitos de sentido de informalidade mais intensos e viabiliza também uma enunciação mais marcadamente subjetiva, como foi possível perceber na videorresenha do filme *Magia Ao Luar*, postada no blog em 08.09.2014, em que a resenhista se permite enunciar em primeira pessoa e explicitar de forma clara sua opinião: *“mas eu diria que de todos eles, o melhor até agora é o Colin Firth”*.

Nesse sentido, as videorresenhas também apresentam alterações no que tange ao estilo, podendo-se pensar num estilo mais marcadamente informal e subjetivo do que o verificado nas resenhas impressas. Novamente, os elementos semióticos próprios do meio digital estão implicados nessa alteração, ou seja, o estilo também se modifica em decorrência da alteração de suporte.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise aqui exposta configura um estudo inicial para questões mais aprofundadas de pesquisa em relação à transposição dos gêneros de um suporte impresso para um suporte digital. Buscou-se, primeiramente, definir o marco teórico para abordagem dos gêneros discursivos e apresentar postulados de estudiosos a respeito da influência das novas mídias nas esferas de circulação dos gêneros. Ao delimitar o *corpus* de análise, resenhas impressas e videorresenhas, fez-se a proposta de verificar quais são as possíveis mudanças em termos de acesso, interação, elementos semióticos implicados, tema, estilo e construção composicional do gênero em razão dessa “transposição” do suporte impresso para o meio digital.

A análise aponta que, no caso do gênero estudado, a passagem da mídia impressa para a digital altera significativamente o formato do gênero, sendo que este ainda se dá a (re)conhecer como “resenha” por conta de elementos da ordem do conteúdo temático (aquilo que pode ser dito e se espera seja dito num texto dessa natureza), mas não da estrutura composicional ou do estilo, em que se evidenciam características mais próprias dos gêneros televisivos, audiovisuais. Disso resulta também a opção adotada neste estudo pelo termo “videorresenha” para denominar o objeto de análise.

É válido pontuar que além das alterações mencionadas, pode-se pensar num processo de retextualização⁴ envolvido nessa transposição de suporte, uma vez que também se transforma a maneira como se comunica, passando-se do verbal escrito para o verbal oralizado ou vice-versa. Tal aspecto, no entanto, será explorado em outro momento, tendo em conta os limites do recorte feito.

Espera-se, enfim, que os aspectos apontados neste estudo possam contribuir, em alguma medida, para um debate maior, fomentando as discussões sobre como a transposição de um suporte a outro pode alterar a natureza dos gêneros discursivos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BOSCOV, Isabela. Banquinho e violão. *Veja*. São Paulo, n. 2391. 17 set. 2014. Cinema. p. 114- 115.

_____. Mesmo se nada der certo. *Veja.com*. São Paulo, 18 set. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/isabela-boscov/cinema/mesmo-se-nada-der-certo-begin-again/>>. Acesso em 05 dez. 2015

ARAÚJO, Júlio César Rosa de. A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: XAVIER, Antonio Carlos dos Santos e MARCUSCHI, Luiz Antonio (Orgs). *Hípertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CRESTANI, Luciana Maria. *A oralidade como estratégia enunciativa no jornal on-line*. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2761>. Acesso em: 07 maio de

⁴ No sentido proposto por Marcuschi (2001).

2017.

FIORIN, José Luiz. Os gêneros do discurso. In: _____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006. p. 60-76

KOMESU, Fabiana Cristina. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: XAVIER, Antonio Carlos dos Santos; MARCUSCHI, Luiz Antonio (Orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. 2002. Disponível em: < https://scholar.google.com.br/scholar?q=mARCUSCHI+%2B+GENEROS+EMERGENTES&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar > Acesso em: 18 maio 2017.

_____. A questão do suporte dos gêneros textuais (Partes 1 e 2). *Revista DLCV– Língua, Linguística e Literatura*. João Pessoa, v.1. n.1, p. 9-40, Out. 2003. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/dclv/issue/view/741> > Acesso em: 23 maio 2015.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2012

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira. E-mail: um novo gênero textual. In: XAVIER, Antonio Carlos dos Santos; MARCUSCHI, Luiz Antonio (Orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane (Org). *Escola Conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013. p.13-36

_____. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.

Ariane Peronio Maria Fortes

Professora de língua inglesa. Possui graduação em Letras Português/Inglês e respectivas literaturas pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), Especialização em Metodologia de Ensino da Língua Inglesa pela Universidade Franciscana e Mestrado em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF).
E-mail: arianeperoniomaria@hotmail.com

Luciana Maria Crestani

Doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM-SP), Professora no Curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. E-mail: lucianacrestani@upf.br

Enviado em 30/05/2018.

Aceito em 30/06/2018.